



Max Weber e a incerteza do conhecimento científico: uma resenha de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*²

Seguindo a epistemologia kantiana, Weber negou que o “conhecimento pudesse ser uma reprodução ou cópia fiel da realidade, em extensão ou compreensão, já que a realidade é infinita e inexaurível” (FREUND, 1969, p. 39). Questionou, porém, muitos outros aspectos do conhecimento científico além daqueles propostos pela sua adoção da fenomenologia de Kant. De fato, o nome de Weber pode ser relacionado a um grande número de achados sociológicos que recentemente têm recebido uma atenção inusitada. A própria posição de Weber na história das ciências sociais é uma evidência de que os paradigmas destas seguem leis completamente diferentes daquelas aceitáveis nas ciências naturais.

O objetivo deste ensaio é analisar os aspectos metodológicos e epistemológicos de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* enfatizando os seguintes pontos:

1. Cada ambiente intelectual propõe as suas questões particulares e as resolve em função do seu conhecimento disponível;
2. As ciências sociais operam simultaneamente dentro de diversos modelos;
3. Weber é o primeiro sociólogo a trabalhar fora do paradigma evolucionista.

Publicado entre 1904-1905, quando Weber tinha cerca de 40 anos, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* é a sua obra mais lida porque neste trabalho ele questiona a proposição de Marx de acordo com a qual foram razões

econômicas que produziram o surgimento do modo de produção capitalista. Weber procura demonstrar que os achados de Marx representam apenas uma possibilidade entre muitas de explicação do surgimento do capitalismo.

Weber não se posiciona claramente contra a idéia de evolução ou de proposições gerais sobre fenômenos universais. Mas, em vez de enfatizar leis gerais, seu método da *possibilidade objetiva* e da *causalidade adequada* enfatiza a particularidade de cada fenômeno. Ou seja, cada fenômeno é o resultado de uma situação única e deve ser considerado desta maneira. Seguindo tal raciocínio, jamais se teria esquemas explicativos sintéticos como os de Hegel, Marx ou Morgan, os quais postulavam a existência de uma idéia universal de história ou humanidade.

Considerando que circunstâncias particulares produzem motivações particulares, Weber busca uma causa adequada para explicar o surgimento do capitalismo moderno e a encontra na ética calvinista. Para ele, esta ética foi o elemento sem o qual não teria sido possível o surgimento do capitalismo. Se, para Marx, a exploração da mais-valia era a condição *sine qua non* para a acumulação capitalista, a ética calvinista era, para Weber, o fator que permitiu e justificou não apenas a acumulação capitalista, mas também o comportamento indispensável para a aceitação e manutenção do estilo de vida capitalista. Porque concentra-se nas motivações dos indivíduos como base do funcionamento da sociedade, Weber confere à superestrutura um valor que

¹ Ph.D em Antropologia pela Universidade da Califórnia, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

² A versão original deste ensaio foi escrita para a disciplina Anthropology 250, ministrada pelo prof. Gene Anderson em 1996 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade da Califórnia, Riverside.

Marx não lhe havia dado porque manteve sua atenção na estrutura econômica buscando suas leis e evolução natural, procedimento que Weber rejeita completamente.

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo está dividido em cinco capítulos e a edição em análise, publicada pela Charles Scribner's Sons, New York, em 1958, contém uma introdução escrita por Anthony Giddens, em 1976, e uma outra introdução escrita pelo próprio Weber em 1920, para a série sobre sociologia da religião.

No primeiro capítulo, Weber explica que a sua motivação empírica para relacionar as origens do capitalismo com o protestantismo é o fato de que a maioria esmagadora dos homens de negócios e donos de capital, assim como os técnicos de alto nível são protestantes (WEBER, 1976, p. 35). Por que os protestantes estão mais intrinsecamente ligados à riqueza material e ao prestígio do que os católicos? O que de especial os protestantes teriam e os católicos não? Weber oferece a seguinte resposta:

A emancipação do tradicionalismo econômico parece, sem dúvida, ser um fator que fortalece extraordinariamente a tendência para duvidar da tradição religiosa assim como de qualquer autoridade tradicional. Mas é necessário observar, como sempre tem-se esquecido, que a reforma não significou a eliminação do controle da igreja sobre a vida diária, mas, ao contrário, a substituição da forma de controle anterior por uma nova (1976: 36).

Weber observa que razões específicas ligadas à ética religiosa poderiam explicar não apenas porque os protestantes ocupam as melhores posições no mercado de trabalho, mas também porque os católicos preferiam ou eram motivados a se graduar nas áreas das ciências humanas, por exemplo; ou, por que os católicos preferem dormir bem a comer bem? Havia qualquer coisa sobre a ética protestante que sugeria que ela deveria ser entendida para que se pudesse explicar porque os protestantes se comportam tão diferentemente dos católicos e, especialmente, por-

que tais diferenças pareciam tão favoráveis à empresa capitalista.

O título do capítulo seguinte, "O Espírito do Capitalismo", revela o que há de diferente no protestantismo: sua ética carrega o "espírito do capitalismo". O próprio Weber revela sua preocupação em usar expressão tão pretensiosa como "espírito do capitalismo" e chama a atenção para as dificuldades de definição do fenômeno histórico:

Se há qualquer objeto ao qual o termo [Espírito do capitalismo] pode ser aplicado com algum significado, este objeto somente pode ser um indivíduo histórico, isto é, um complexo de elementos associados a uma realidade histórica a qual podemos reunir num todo conceitual do ponto de vista do seu significado cultural. Tal conceito histórico, entretanto, uma vez que se refere no seu conteúdo a um fenômeno significativo pela sua individualidade, não pode ser definido de acordo com a fórmula *genus proximum, differentia specifica*, mas deve ser gradualmente montado com todas as suas partes individuais retiradas da realidade histórica. Então, o conceito final e definitivo não pode ser elaborado no início da investigação, mas no final.

É provavelmente por esta razão que ao invés de iniciar o seu estudo sobre o espírito do capitalismo pela definição deste termo, Weber inicia reproduzindo as proposições utilitárias de Benjamin Franklin sobre o comportamento apropriado ao mundo capitalista em crescimento.³ Para Weber tais proposições representam a síntese moderna do espírito do capitalismo. Tomando as proposições de Franklin como referência, volta ao passado buscando fenômenos similares nas origens do mundo capitalista.

Embora não parecendo estar interessado em negar nenhuma das condições materiais que Marx apresenta como pré-requisitos para o surgimento do capitalismo, ele está certamente interessado em demonstrar que as condições materiais sozinhas jamais seriam suficientes para

³ Weber enumera várias dessas proposições, dentre as quais as seguintes resumem bastante bem a sua lógica utilitária e bastante conhecida da sociedade capitalista: "Lembre-se que tempo é dinheiro. Para aquele qz *shillings* por dia pelo seu trabalho e vai passear, ou fica ocioso metade do dia, apesar de não gastar mais que seis *pence* em sua vadiagem ou diversão, não deve ser computada apenas essa despesa, ele gastou, ou melhor, jogou fora, mais cinco *shillings* (WEBER, 1976, p. 48)."

produzir o capitalismo moderno, já que este precisava de um ingrediente especial cuja falta impediu o seu surgimento no mundo clássico (China, Índia, Babilônia).

Embora não questione Marx explicitamente, Weber sugere que a produção do capitalismo é mais o resultado de uma acomodação/negociação entre as classes sociais do que resultado da luta entre elas. Sem uma justificação divina para o trabalho incansável como obrigação religiosa, o capitalismo moderno jamais teria sido possível, propõe. Para ele, portanto, a base para o surgimento do capitalismo foi o “chamado” religioso o qual tornou possível que um “empresário capitalista aceitasse não usufruir nada da sua riqueza a não ser o sentimento irracional de ter realizado bem o seu trabalho” (1976, p. 71).

Afirmar que o capitalismo precisou de um determinado *éthos* para começar a funcionar não significa que este mesmo *éthos* o acompanharia para sempre. Na verdade, Weber está preocupado apenas em explicar as circunstâncias que tornaram possível o capitalismo moderno. Nesse sentido, ele tem consciência de que a condição inicial desse surgimento está ligada a uma determinada circunstância histórica, além da qual outras razões seriam necessárias para permitir o seu funcionamento.

Na síntese do primeiro capítulo pode-se afirmar que Weber descobre que o capitalismo moderno está intrinsecamente relacionado e dependente de um único pensamento: a razão prática. Consciente de que tal conceito se refere a coisas bastante diferentes, Weber propôs,

descobrir de quem é filha a forma de pensamento racional, da qual a idéia de chamado e devoção ao trabalho cresceu, a qual é, como temos visto, tão irracional do ponto de vista de um auto-interesse puramente eudemonista, mas que foi e ainda é uma dos mais importantes elementos característicos da nossa cultura capitalista. Estamos aqui particularmente interessados na origem do elemento racional que nela reside, como em cada concepção de chamado (1976, p. 78).

Será esta a tarefa que Weber empreenderá no capítulo três e seguintes. Antes de passar à síntese dos próximos capítulos, é importante examinar mais algumas questões relativas à obra de Weber. O seu estilo, por exemplo, segue muito

próximo a sua metodologia científica. Ou seja, ao invés de conceituações formuladas *a priori* ou formuladas fora da história do fenômeno sob observação ou estudo, Weber acreditava que a melhor forma de compreender a particularidade de um fenômeno é através da sua descrição. E uma descrição não se faz instantaneamente. A compreensão, neste caso, não surge imediatamente após a análise dos primeiros elementos apresentados, ao contrário, é alcançada aos poucos e iluminada por cada novo elemento ou conjunto de relações introduzidas na análise. Tal procedimento parece, muitas vezes, bastante fragmentado àqueles acostumados às explicações sintéticas.

Como Weber formulou sua hipótese sobre o surgimento do capitalismo a partir da observação dos comportamentos dos membros de igrejas católicas e protestantes no mundo dos negócios, ele sabia que a explicação deveria ser buscada na história das religiões protestantes. Ele, então, começou examinando o conteúdo da Reforma de Lutero. Weber percebe que na ética de Lutero, como na Católica, “a busca do ganho material além das necessidades pessoais aparece como um sintoma da ausência da graça, e já que tal ganho era obtido aparentemente à custa de outros, era diretamente repreensível” (idem, p. 84).

Observando que a Reforma de Lutero não foi o instrumento para o “chamado capitalista”, Weber passa a descrever e interpretar o chamado no reino do ascetismo protestante. Mas, no terceiro capítulo, enquanto analisa a doutrina de Lutero, estabelece que seu principal interesse não era afirmar que “o capitalismo como sistema econômico é uma criação da Reforma [mas], ao contrário, afirmar se e até que ponto as forças religiosas têm tomado parte na formação e na expansão quantitativa desse espírito em todo o mundo” (1976, p. 91).

No capítulo quatro, “Os Fundamentos Religiosos do Ascetismo Laico”, Weber descreve as quatro manifestações principais do Protestantismo ascético: os movimentos Calvinista, Pietista, Metodista e Batista. Foi na doutrina Calvinista da predestinação que Weber encontrou o que ele buscava. Ele diz que não estava

preocupado com a questão do que era teórico e oficialmente ensinado no compêndio ético da época, [mas] em algo completamente diferente: a influência das sanções psicológicas as

quais, originadas na crença e na prática religiosa deram uma direção à conduta prática e amarrou o indivíduo a ela” (1976, p. 97).

A questão a se responder, portanto, é como a doutrina Calvinista da predestinação produziu uma conduta prática na qual ou através da qual o espírito capitalista se desenvolveu. A doutrina da predestinação de Calvino acreditava que determinadas pessoas são eleitas por Deus à salvação, enquanto outras são rejeitadas por Ele e condenadas à maldição eterna.

Se, independentemente da sua obra no mundo, algumas pessoas são *a priori* salvas ou condenadas, Calvino transferiu a salvação das mãos dos homens para as mãos de Deus. Porém, para responder quem são os eleitos, Calvino teve de elaborar uma doutrina capaz de guiar a ação dos seus seguidores na qual os seguintes pontos estavam presentes: 1. É, em princípio, rejeitada a afirmação segundo a qual alguém pode aprender através da conduta de outros, sejam estes escolhidos ou condenados (p. 110); 2. É obrigação absoluta considerar a si mesmo escolhido e combater todas as dúvidas como tentações do Mal, já que a falta de autoconfiança é o resultado de uma fé insuficiente, portanto de uma graça imperfeita (p. 111); 3. Para se obter essa autoconfiança a pessoa precisa se envolver intensamente com os negócios do mundo. O trabalho e somente ele pode dispersar as dúvidas religiosas e conferir a certeza da graça. (p.112).

Weber conclui que na prática a doutrina de Calvino “significa que Deus ajuda aqueles que ajudam a si próprios [e] o Deus do Calvinismo requer dos seus fiéis não bons trabalhos eventualmente, mas toda uma vida de bons trabalhos combinados num sistema unificado” (p. 115-117).

Se o chamado para o trabalho é nele mesmo importante, seu objetivo, no entanto, é a base da racionalização requerida para o surgimento da atitude capitalista. Portanto, “essa racionalização da conduta dentro do mundo, mas pelo amor de um mundo além, foi a consequência do conceito de chamado do protestantismo ascético” (p.154).

No último capítulo, “Asceticismo e o Espírito do Capitalismo”, Weber examina o trabalho de Richard Baxter, considerado uma das melhores interpretações da doutrina calvinista. No último capítulo, de fato, Weber mostra, sempre tendo a pregação de Benjamin Franklin em

mente, que a doutrina calvinista continha os elementos essenciais da atitude que ele denominou de espírito do capitalismo. A diferença, diz ele, é que faltava às idéias de Franklin “a base religiosa, que, no tempo de Franklin, já havia desaparecido” (p.180).

É interessante observar que paradoxalmente, em nome de Deus e da Sua glória, os calvinistas construíram (na verdade, apenas ajudaram a construir) o mais pagão dos mundos. Agora, breves respostas as questões propostas no início desta resenha.

A primeira hipótese pode ser exemplificada através da comparação entre Durkheim e Weber. Embora contemporâneos, produziram métodos completamente diferentes de explicação do fenômeno social. Durkheim, refletindo o seu ambiente intelectual, aceitou como absolutamente razoável a afirmação de que as ciências sociais deveriam ser assimiladas pelas ciências naturais, e assumiu a missão histórica de organizar um campo científico para a sociologia. Por outro lado, a sociologia de Weber desenvolveu-se num contexto no qual a mencionada verdade positivista era absolutamente questionada.

Analisando o *background* intelectual de Weber, Freund (1969, p. 37-39) explica que “já nos finais do século XIX, os acadêmicos germânicos estavam divididos numa disputa metodológica em torno do *status* das ciências humanas: elas deveriam ser assimiladas às ciências naturais, como os positivistas reivindicavam ou, ao contrário, ser consideradas de forma totalmente autônoma?”

Aqueles que sustentavam que as ciências humanas deveriam ser autônomas, Dilthey entre eles, acreditavam que a realidade pode ser subdividida em setores independentes. Outros, dentre estes Rickert, rejeitaram tal fragmentação, afirmando que a realidade é indivisível e sempre idêntica a si mesma. Para estes, as diferentes ciências estudam a realidade sob ângulos diferentes, e os princípios-guias de classificação devem portanto estar na diferença dos métodos utilizados. De acordo com esta perspectiva, há dois métodos: o método generalizante, que busca descobrir relações gerais e leis; e o método individualizante, que estuda os aspectos particulares de um dado fenômeno. Duas categorias fundamentais das ciências surgiram deste raciocínio: as ciências naturais e as culturais.

Embora aceitando a distinção entre os métodos generalizante e individualizante, Weber

rejeitou suas conclusões, isto é, a classificação das ciências na base da diferença de métodos. Ele acreditava, ao contrário, que cada ciência usa um ou outro método em função das suas necessidades circunstanciais, mas nenhum dos métodos é preferível ou superior ao outro. Freund sintetiza:

Qualquer que seja o método adotado, cada um faz uma seleção na infinita diversidade da realidade empírica. Dessa forma, por causa de seu fim, o método generalizante despoja o real de todos os aspectos contingentes e singulares, reduzindo as diferenças qualitativas a quantidades que podem ser medidas com precisão e podem formar uma proposição geral de caráter legal. O método individualizante omite os elementos genéricos, a fim de dirigir sua atenção apenas aos caracteres qualitativos e singulares dos fenômenos. Neste sentido, um e outro se afastam da realidade por força das necessidades da conceitualização, sem a qual não poderia haver conhecimento científico. Por conseguinte, nada nos permite dizer que, em confronto com a realidade, um desses métodos seria mais viável, mais exato ou mais completo do que o outro (1969, p. 33-34);

A teoria sociológica de Weber é o resultado das suas posições metodológicas e epistemológicas. A noção de tipo ideal, por exemplo, é um resultado evidente da sua compreensão de que as categorias científicas não correspondem diretamente à realidade. Elas são, portanto, seres de um outro mundo, do mundo das conceitualizações e interpretações e, como tal, servem ao mundo da interpretação. Já que o método é uma função do problema, Weber propôs questões cujas respostas requeriam a utilização do método individualizante, o qual considera todos os fenômenos históricos como únicos ou particulares. Através da interpretação das razões ou motivações de certos fenômenos sociais do ponto de vista daqueles que o produzem, Weber inaugurou a perspectiva subjetivista na sociologia – uma perspectiva exatamente oposta à de Durkheim

que se baseia na compreensão do funcionamento do sistema e das suas leis.

É importante observar que a metodologia das ciências sociais de hoje incorpora ambas as alternativas. Aliás, é da complementariedade dessas perspectivas combinadas com a de Marx que Pierre Bourdieu, por exemplo, tem produzido os seus *insights*. Isto é, as ciências sociais têm-se desenvolvido diferentemente das ciências naturais porque as primeiras não têm que negar os seus ancestrais completamente para formular novas teorias. Ao invés disso, elas apenas têm que formular novas questões cujas respostas requerem um esforço coletivo buscado pelas diferentes tradições.

Weber desconsidera completamente o paradigma evolucionista. Embora enfatizando a civilização ocidental como um fenômeno singular, não parece interessado ou preocupado em localizar tal fenômeno numa escala geral de progresso e produzir a sua compreensão a partir das semelhanças ou diferenças entre as sociedades dispostas em tal escala. Ao contrário, ele buscou a compreensão de cada fenômeno através da compreensão dos seus próprios elementos (categorias analíticas) os quais aparecem através da descrição do fenômeno.

Finalmente, pode-se dizer que a compreensão de ciência de Weber não foi ainda incorporada por muitos cientistas sociais que desenvolvem suas teorias em torno de valores políticos e morais os quais acabam por desviar o debate na direção de categorias não científicas como a verdade ou a retidão. A não ser que consideremos essas categorias como categorias históricas, jamais alcançaremos um acordo científico. Porém, é saudável lembrar que não é da concordância que a ciência se nutre.

Referências bibliográficas

WEBER, Max. *The protestant ethic and the spirit of capitalism*. New York: Charles Scribner's Sons. 1976.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Ltda, 1975.